

MOEDA E BANCO NO SÉCULO XIX: HISTORIOGRAFIA E FONTES BRASILEIRAS

Ana Maria Ribeiro de Andrade*

O TEMA NA HISTORIOGRAFIA

O interesse pela história monetária já é nítido no século XIX, mesmo que o destaque da bibliografia histórica seja no campo da história política. Quando se envereda neste campo da história mais minuciosa, a financeira, os trabalhos são escassos até a metade do período. A partir deste marco (coincidente com a institucionalização do sistema bancário em regiões bem delimitadas e autônomas), apesar de se tornarem mais numerosos, a maioria não se afasta dos limites de uma história oficiosa. Pouco críticos, atrelados aos postulados ortodoxos de então, não se atrevem a considerar o social mesmo quando tratam de políticas monetárias que alteram no dia-a-dia as relações de troca. Devido a isto, as informações sobre o cotidiano financeiro das pessoas são mais fáceis de serem encontradas nas obras dos viajantes, nas memórias de época, nos romances de costumes, nas cartas de populares e charges publicadas em periódicos, do que em estudos sistemáticos. Aliás, estes são poucos (quase apenas documentos de cunho oficial)¹ e distantes da realidade do pequeno comércio dos centros urbanos que até os anos 1850, muitas vezes na falta de moeda chancelada pelo Estado, recorria a moedas de curso paralelo (entendida na acepção de verdadeira moeda fiduciária de emissão privada), as temidas “moedas falsas”.² E, na 2ª. metade do século, vales, bilhetes e outros papéis lastreados apenas na confiança do emissor.

* Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-MAST/CNPq., Rio de Janeiro

¹ Veja, Biblioteca Nacional, *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, Rio de Janeiro, 1881-83.

² Trabalhos ilustrativos da “escola rankeana” ou do paradigma tradicional: Braz Hermenegildo do Amaral, *História da Bahia do Império à República*, Imp. Oficial Do Estado, Salvador, 1923; Luiz

As primeiras publicações, as mais antigas, somam duas peculiaridades. Uma é que foram escritas sobre o impacto de acontecimentos marcantes; a outra, é que estão incluídas no grupo dos primeiros estudos temáticos identificados na *historiografia econômica brasileira*. São trabalhos sobre bancos e crises econômico-financeiras, cabendo destacar o de Souza Franco (ministro da Fazenda em 1857),³ onde é defendido a regionalização do crédito, na suposição de que um segmento do sistema bancário se voltasse para fins industrialistas, o do seu amigo pessoal visconde de Mauá,⁴ além do de Ferreira Vianna, Ferreira Soares e outros mais pitorescos, porque trata-se de testemunhos oculares dos acontecimentos retratados.⁵

As análises clássicas da política monetária do século XIX estão polarizadas entre comprovar “o mau funcionamento do sistema financeiro” ou o “estrangulamento das atividades econômicas pela contração da circulação monetária interna”. Assim, apesar da dicotomia entre estas correntes, ambas preocupavam-se essencialmente em apontar causas para o surgimento de crises. A tendência da primeira era imputar todos os males ao excesso de emissão e ao abuso do crédito, enquanto a outra corrente procurava ressaltar os efeitos negativos de uma política recessiva.

Esta polarização entre “metalistas” (adeptos do lastro ouro e do monopólio de emissão do Banco do Brasil) e “papelistas ou pluralistas” (defensores da descentralização bancária e da emissão lastreada em títulos) esteve sempre presente, porque, dos dois lados, havia representantes diretos do governo responsáveis pela política econômica ou autores que escreviam pretendendo influir nas decisões. Como as posições se repetem de modo quase idêntico entre os autores de cada grupo, cabe uma maior atenção para com os trabalhos de Castro Carreira e Amaro Cavalcanti, também membros ativos do Parlamento. Além de se filiarem a correntes diferentes eles são os mais significativos e precursores da história financeira.

Castro Carreira⁶ inaugura a tradição de fazer um acompanhamento anual do comportamento das finanças públicas e do incipiente mercado financeiro do Rio

Affonso D'Escragnolle, “O Visconde de Camamú e o derrame de moedas falsas de cobre na Bahia”, In: Congresso Brasileiro de História da Bahia, *Anais do 1º Congresso de História da Bahia*, Typ. Beneditina, Salvador, 1950.

³ Bernardo de Souza Franco, *Os bancos do Brasil; sua história, defeitos de organização actual e reforma no systema bancario*. Typ. Nacional, Rio de Janeiro, 1848.

⁴ Visconde de Mauá [Irineu Evangelista de Souza], *Autobiografia seguida da exposição aos credores e ao público. O meio circulante no Brasil*, Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1942 (1ª ed. de 1878).

⁵ Pedro Antonio Ferreira Vianna, *A crise commercial do Rio de Janeiro em 1864*, Garnier, Rio de Janeiro, 1864; Sebastião Ferreira Soares, *Esboço ou primeiros traços da crise commercial da cidade do Rio de Janeiro*, Laemmert, Rio de Janeiro, 1865. Sobre outras crises do século, veja: Antonio Alves Sousa Carvalho, *A crise da Praça em 1875*, Typ. do Diario do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1875; Veridiano Carvalho, *A praça do Rio de Janeiro, 1890-1891*, Laemmert, Rio de Janeiro, 1892; Luís Tarquínio, *A solução da crise*, Imp. Popular, Bahia, 1892.

⁶ Liberato de Castro Carreira, *História financeira e orçamentária do Império do Brasil desde a sua fundação*, Imp. Nacional, Rio de Janeiro, 1889.

de Janeiro, através das informações contidas nos Relatórios dos Ministros da Fazenda e na legislação econômica. Suas críticas aos governantes são sempre veladas, em obra repleta de informações quantitativas extraídas de documentos oficiais.

Amaro Cavalcanti,⁷ o principal expoente da outra corrente é mais crítico, prescritivo, e por isto distancia-se das versões contidas nos documentos oficiais. O ponto forte de sua análise ou de sua réplica à versão oficial dos acontecimentos é o enfoque de uma das questões mais polêmicas à época, o crédito. E, neste ponto, encontra-se a sua grande contribuição: atentar para o papel do crédito na expansão industrial e apontar a vinculação existente, naquele estágio, entre o volume de moeda em circulação e a oferta de crédito. Todavia, teve poucos seguidores.

A abordagem de Calógeras,⁸ a mais consultada por outros autores, tem características distintas. A questão legal não está ato presente e extrapolou na análise, apesar de ter recorrido aos mesmos documentos. Talvez tenha sido ele o grande responsável por generalizações e informações imprecisas que, por não terem sido todas confirmadas ou contestadas em fontes documentais, se repetem de modo acríptico em trabalhos posteriores. Como exemplos: a generalização das crises financeiras, a extrapolação da realidade econômico-financeira do Rio de Janeiro para as outras áreas de circulação monetária do país, o aparente controle da moeda pelo Estado.

Contudo a sua descrição analítica é profunda e deixa refletir sua formação na economia clássica ao advogar medidas de política financeira ortodoxa. Deve-se, primordialmente, no exame do funcionamento dos pequenos estabelecimentos de crédito ao lado do desempenho da economia, das transações comerciais, do comportamento da taxa cambial, montante de emissões, etc.

Com diferenças marcantes na forma da narrativa, houve ainda os “metalistas” eloqüentes do princípio do século XX, apoiados sempre no discurso dos governantes: Ramalho Ortigão,⁹ editor do conservador *Jornal do Comércio*; Antonio Carlos Ribeiro de Andrada¹⁰ que também não via com simpatia a expansão do papel-moeda circulante; Inglez de Souza,¹¹ um exaltado opositor da pluralidade de emissão que escreveu para tentar exercer influências políticas.

⁷ Amaro Cavalcanti, *O meio circulante nacional; resenha e compilação chronologica de legislação e de factos de 1836 a 1866*, Imp. Nacional, Rio de Janeiro, 1893, 2 vol.; Amaro Cavalcanti, *Elementos de finanças: estudo theorico-practico*, Imp. Nacional, Rio de Janeiro, 1896.

⁸ João Pandiá Calógeras, *La politique monetaire du Brésil*, Imp. Nacional, Rio de Janeiro, 1910.

⁹ Ramalho Ortigão, *A moeda circulante no Brazil; monographia apresentada ao 1º Congresso de História Nacional*, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 1914.

¹⁰ Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, *Bancos de emissão no Brasil*, Leite Ribeiro, Rio de Janeiro, 1925.

¹¹ Carlos Inglez de Souza, *A anarchia monetária e suas consequencias*, Monteiro Lobato, São Paulo, 1924.

Sua proposta era a criação de um grande estabelecimento de crédito em substituição ao Banco do Brasil, que condenava sistematicamente.

As histórias de instituições bancárias não são comuns; escreveu-se quase que só a respeito do Banco do Brasil. Observando critérios cronológicos, destaca-se a obra de Felisberto Freire,¹² Victor Vianna,¹³ esta última sem originalidade. Na verdade, conforme ele próprio referencia, é um espelho do trabalho de Castro Carreira adornado por informações de relatórios ministeriais, de comissões de inquérito, matérias publicadas no *Jornal do Comércio*, e interpretações impróprias tal como a transposição para a economia mercantil-escravista da realidade inflacionária só presente no capitalismo.

Desobedecendo o critério cronológico adotado, a inclusão neste ponto da história do Banco do Brasil de Afonso Arinos e Claudio Pacheco¹⁴ se justifica pela defasagem entre a obra e o “paradigma historiográfico” em vigor na data de sua realização. Estes autores se identificam com os já citados e não com os contemporâneos. Afora o agradável estilo narrativo do primeiro autor dos dois volumes iniciais, os demais transcrevem, como na história tradicional, fontes primárias com a preocupação de engrandecer a instituição, defender os governantes e dirigentes do Banco do Brasil.

Não se pode relegar obras menos citadas, que retratam realidades e diversidades regionais, quando se tem a preocupação em reconstruir a história financeira atenta às diferenças das grandes áreas geo-econômicas e aos movimentos da economia, a produção e o consumo. É o caso da obra de Goes Calmon¹⁵ que ocupou-se das relações econômico-financeiras no segundo grande circuito monetizado, a Bahia; de Henrique Milet,¹⁶ engenheiro francês e usineiro no terceiro circuito, Pernambuco. Infelizmente, até hoje pouco se tem escrito sobre o assunto com relação ao extremo Sul e Norte.

O período correspondente às décadas de 1930 até 1950, não foi singular. Permanece o mesmo paradigma tradicional transposto das histórias políticas. Há ocorrência da temática em estudos gerais de economia e finanças (obras que se destacam mais pela trajetória de vida do autor)¹⁷ e, claro, algumas mudanças de assunto que, em certos casos, reincidem nos erros apontados: biografia de

¹² Felisberto de Oliveira Freire, *História do Banco do Brasil*, Typ. D'O Economista Brasileiro, 1907.

¹³ Victor Viana, *O Banco do Brasil*, *Jornal do Commercio*, 1926.

¹⁴ Afonso Arinos de Mello e Franco, Claudio Pacheco, *História do Banco do Brasil*, Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 1979, 5 vol.

¹⁵ Francisco Marques de Goes Calmon, *Vida econômico-financeira da Bahia. Elementos para a história de 1808 a 1899*, Imp. Oficial, Bahia, 1925.

¹⁶ Veja de Henrique Augusto Milet, *O meio circulante e a questão bancária*, Typ. *Jornal do Recife*, Recife, 1875, 2ª ed.; *O artigo notável e a questão monetária*, Typ. *Jornal do Recife*, Recife, 1878; *Miscelânea econômica*, Typ. *Jornal do Recife*, Recife, 1879.

¹⁷ Veja, Gustavo Barroso, *Brasil - colônia de banqueiros*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1934.

banqueiro; estudos específicos sobre inflação, dívida externa, bancos provinciais e as crises.¹⁸

Passados os anos de arrefecimento da produção historiográfica brasileira nesta área, as décadas de 1970 e 1980 significam seu retorno e renovação, acompanhando as mudanças ocorridas também na velha história econômica. Ao contrário das fases anteriores, são apresentados novas perspectivas e problemas, estudos implementados em universidades e institutos de pesquisa com financiamento das agências públicas de fomento, agregando bolsistas dos mesmos órgãos e estagiários; projetos de pósgraduandos e de equipes de pesquisas interdisciplinares organizadas para este fim; e de brasilianistas. Historiadores, economistas e jovens estudantes com preocupações teórico-metodológicas explícitas e revisionistas, procuram abarcar o universo das instituições bancárias no país e a temática em nível regional. São abordagens bem delimitadas, objetos cuidadosamente construídos, que tiveram de buscar novos tipos de fontes para complementar as oficiais. Também se provou possível reler os documentos oficiais de outra ótica, nas entrelinhas, com novas indagações. Resultaram em análises conjunturais, obras abrangentes de grande fôlego, estudos gerais de economia — neste caso, coletânea de autores —, onde a moeda e bancos se inserem.

A euforia não foi contudo sustentada por uma política governamental voltada para o incentivo à produção científica, para a manutenção de projetos em andamento, publicação de revista especializada, organização de pequenos eventos, etc. Grupos se dissolveram, pessoal treinado transmigrou para outras áreas. No presente momento, acredita-se que o número de pessoas envolvidas em projetos dessa natureza seja bem menor do que há 15 anos atrás e encontram-se basicamente vinculadas às universidades. Entretanto isto não se deu apenas no campo da história e das ciências sociais. Os anos 90 estão sendo marcados pelo desmantelamento de instituições culturais do Rio de Janeiro, entre elas as de pesquisa histórica. O artigo não é o fórum ideal para lamentações mas uma oportunidade de resgatar valores intelectuais e de incentivar a retomada. Sem dúvida, existem inúmeras questões para serem revisitadas e compartilhadas com outras áreas da própria história que, por sua vez, atravessa um período de revigoração das perspectivas de análise.

Para facilitar a interação entre os estudiosos da América Latina, indica-se uma bibliografia sumária correspondente ao último período (que não inclui obras gerais de economia), através da qual se pode relacionar os interesses dos autores

¹⁸ Herman Nesser, *Subsídios para a história do comércio dos bancos na Bahia: 1694-1904*, s.ed., Salvador, 1945; Alberto de Faria, *Mauá, Irineu Evangelista de Souza. Barão e Visconde de Mauá: 1813-1889*, Pongetti, Rio de Janeiro, 1926; Lídia Besouchet, *Mauá e seu tempo*, Anchieta, São Paulo, 1942; Oliver Onody, *A inflação brasileira: 1820-1858*, s.ed., Rio de Janeiro, 1960; José Pires do Rio, *A moeda brasileira e seu perene caráter fiduciário*, J. Olympio, Rio de Janeiro, [195?]; Valentim Bouças, *História da dívida externa*, 2ª ed., Financieiras, Rio de Janeiro, 1950; Vicente Licínio Cardoso, *A margem da história do Brasil*, 2ª ed., Nacional, Rio de Janeiro, 1938.

recentes. As lacunas são um bom indicador para futuros trabalhos. Antes das fontes secundárias, porém, arrola-se os tipos de fontes primárias existentes em instituições localizadas no Rio de Janeiro. Dada a dimensão do território nacional e a ausência de instrumentos de pesquisa que cumpram uma tarefa agregadora, aproveita-se para sugerir a confecção deste mapeamento: um guia de instituições e arquivos para a história financeira do Brasil. Ou quem sabe, da América Latina?

I - FONTES PRIMÁRIAS

- ARQUIVO NACIONAL: arquivos particulares, arquivo da Junta Comercial (registro das empresas, acionistas, etc.), Arquivo da SPJ - processos judiciais, fundos públicos provenientes dos ministérios, relatórios oficiais impressos, coleção de leis e decretos, obras raras, atas do Conselho de Estado;
- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO RIO DE JANEIRO: relatórios anuais da associação, periódicos, coleção de leis e decretos;
- BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DA FAZENDA: relatórios de comissões de inquérito, periódicos, relatórios de bancos privados, relatórios de ministros, coleção de leis e decretos, obras raras específicas;
- BIBLIOTECA NACIONAL: coleções particulares, documentos oficiais manuscritos, obras raras, coleção completa dos relatórios provinciais, relatórios de comissões de inquérito, periódicos, relatórios de bancos, relatórios de ministros, coleção de leis e decretos, atas impressas do Conselho de Estado, anais do Parlamento;
- CENTRO CULTURAL DO BANCO DO BRASIL: livro de atas da diretoria, livros auxiliares de atas, livro de acionistas, relatórios anuais impressos, coleção de leis e decretos;
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO - IHGB: coleções particulares, periódicos, relatórios oficiais impressos, coleção de leis e decretos, obras raras;

II - FONTES SECUNDÁRIAS

Biografias e obras de referências

- BELOCH, Israel, *Guia dos arquivos privados relevantes para o estudo da história política e econômica no Brasil, 1822/1864*, IPEA/ANPEC/PNBE, Rio de Janeiro, 1986.
- BRASIL, Ministério da Fazenda, *Ministros da Fazenda, 1822-1972*.
- LIMA, Heitor Ferreira, *3 industrialistas brasileiros: Mauá, Rui Barbosa, Simonsen*, Alfa-Omega, São Paulo, 1976.
- PORTO, Angela, FRITSCH, Lilian, PADILHA, Sylvia, *Processo de modernização do Brasil, 1850-1930. Economia e sociedade, uma bibliografia*, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1985.

Crise

- ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de, *1864: conflito entre metalistas e pluralistas*, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 1987.
- CHACON, Vamireh, *As crises econômicas do império e a falência de Mauá*, Faculdade de Filosofia, Marília, 1969.

- LEVY, Maria Bárbara, "O encilhamento" in: NEUHAUS, Paulo (coord), *Economia brasileira. Uma visão histórica*, Ed. Campus, Rio de Janeiro, 1980.
- LOBO, Eulalia Lahmeyer, "O encilhamento", *Rbmec* núm. 5, vol. 2, maio/ago 1976, Rio de Janeiro, pp. 261-301.

Estudos gerais

- BUESCU, Mircea, *300 anos de inflação*, APEC, Rio de Janeiro, 1973.
- GRANZIERA, Rui, *Agricultura e racionalidade monetária no século XIX: finanças e crédito*, s.n.t. (Trabalho apresentado no Curso de Mestrado em Desenvolvimento Agrícola/FGV)
- _____, *A guerra do Paraguai e o capitalismo no Brasil: moeda e vida urbana na economia brasileira*, Hucitec/Unicamp, 1979.
- LEVY, Maria Bárbara, ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de, *História Financeira do Brasil*, IBMEC, Rio de Janeiro, 1979 (versão preliminar).
- LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer, *História do Rio de Janeiro. Do capital comercial ao capital industrial*, IBMEC, Rio de Janeiro, 1978, 2 vol.
- SUZIGAN, Wilson, VILELA, Aníbal Vilanova, *Política do governo e crescimento da economia brasileira: 1889-1945*, IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1975.

Instituições financeiras

- ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de, "Souto & Cia", *Anais da Conferencia Internacional de História de Empresas*, Niterói, out.1991, pp.109-124.
- AZEVEDO, Thales Goes de, LINS, Edilberto Vieira, *História do Banco da Bahia. 1858-1958*, J. Olympio, Rio de Janeiro, 1969.
- COSTA, Fernando, "Os antigos bancos mineiros", *Rbmec*, núm. 13, vol. 5, jan/abr 1979, Rio de Janeiro, pp. 71-87.
- LEVY, Maria Bárbara, *História da Bolsa de Valores*, IBMEC, Rio de Janeiro, 1977.
- _____, "La actuación de los bancos extranjeros en el Brasil, 1870-1914", *8ª Jornada de História Econômica da Universidade Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires*, 1986 (versão preliminar).
- TOPICK, Steven, "Capital estrangeiro e o Estado no sistema bancário brasileiro, 1889-1930", *Rbmec*, núm. 15, vol. 5, set/dez 1979, Rio de Janeiro, pp. 395-421.

Moeda

- LEVY, Maria Bárbara, ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de, "A gestão monetária na formação do Estado Nacional", *Rbmec*, núm.17, vol. 6, maio/ago 1980, Rio de Janeiro, pp.138-152
- NOGUEIRA, Denio, PELÁEZ, Carlos Manuel, "O sistema brasileiro em perspectiva histórica: 1800-1906" in: PELÁEZ, Carlos Manuel, BUESCU, Mircea (coord.), *A moderna história econômica*, APEC, Rio de Janeiro, 1976.
- PELÁEZ, Carlos Manuel, SUZIGAN, Wilson, *História monetária do Brasil, análise da política, comportamento e instituições monetárias*, IPEA/INPES, Rio de Janeiro, 1976.

Regionais

- BATISTA, José Murilo, "Bancos", *A inserção da Bahia na evolução nacional, 1ª etapa: 1850-1889*, Fundação de Pesquisas CPE, Salvador, 1978, vol. 3, tomo 1, pp. 5-52.
- SAES, Flávio Azevedo Marques de, *Crédito e bancos no desenvolvimento da economia paulista*, IPE/USP, São Paulo, 1986.



L

D



MEDICAL AND PHARMACEUTICAL